

Nem poeira nem nuvem: a reflexão no historiar de *Vigiar e punir*

PABLO SPÍNDOLA*

Em 2013 completou 40 anos que o pensador Michel Foucault proferiu um ciclo de cinco conferências na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) que aconteceu entre 21 e 25 de maio de 1973. Essas conferências foram reunidas e publicadas no Brasil com o título de *A verdade e as formas jurídicas*, no qual chama a atenção as provocações feitas aos historiadores, sobretudo aos seus modos de tecer e constituir o passado. As provocações estão inseridas na trajetória filosófica do intelectual, mas podem ser consideradas o começo de uma série de debates que eclodiram com a publicação do seu livro *Vigiar e punir: o nascimento da prisão (Surveiller et punir: naissance de la prison)*. A proposição desse trabalho é acompanhar as problematizações feitas por alguns historiadores ao livro *Vigiar e punir* e as respostas de Foucault a estas questões, principalmente nas possibilidades que esse debate abriu para refletir sobre o historiar. Não se quer com isso eleger uma forma de historiar, menos ainda, julgar quem estaria certo ou com a argumentação mais plausível, e sim pensar sobre formas de fazer/escrever e suas possibilidades.

Ainda antes de lançar o livro *Vigiar e punir*, Foucault, nas conferências que profere no Rio de Janeiro, faz provocações aos historiadores e filósofos ao comentar sobre o filósofo inglês Jeremy Bentham e o *Panopticon*, tratando-os como um acontecimento ímpar na história:

Peço desculpas aos historiadores da filosofia por esta afirmação, mas acredito que Bentham seja mais importante para nossa sociedade do que Kant, Hegel, etc. Ele deveria ser homenageado em cada uma de nossas sociedades. Foi ele que programou, definiu e descreveu de maneira mais precisa as formas de poder em que vivemos e que apresentou um maravilhoso e célebre pequeno modelo desta sociedade da ortopedia generalizada: o famoso Panopticon. Uma forma de arquitetura que permite um tipo de poder do espírito sobre o espírito; uma espécie de instituição que deve valer para as escolas, hospitais, prisões, casas de correção, hospícios fabricas, etc. (FOUCAULT, 2005: 86)

Alçar Bentham à condição de filósofo mais importante da sociedade ocidental é uma provocação aos historiadores e filósofos, mas é, sobretudo, uma mudança do foco da

* Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo e professor temporário no Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino na Universidade Federal de Pernambuco.

investigação e no fazer histórico, é perceber num plano arquitetural uma generalização ortopédica da sociedade que corrigiria os espíritos desviados. Ele continua a argumentação:

O Panopticon é a utopia de uma sociedade e de um tipo de poder que é, no fundo, a sociedade que atualmente conhecemos – utopia que efetivamente se realizou. Este tipo de poder pode perfeitamente receber o nome de panoptismo. Vivemos em uma sociedade onde reina o panoptismo. O panoptismo é uma forma de poder que repousa não mais sobre um inquérito mas sobre algo totalmente diferente, que eu chamaria de exame. (FOUCAULT, 2005: 87)

A fala de Foucault tem muitos desdobramentos, mas um deles toca numa questão central que é a de evidenciar as escolhas que os historiadores tomam ao narrar sobre o passado. Ao relacionar um plano arquitetural a uma utopia social, propõe um historiador que reflete a partir do passado, ou seja, mais do que contar o que houve, ele escolhe pensar sobre o que houve. Longe de reproduzir as fontes para legitimar a sua narrativa, debruçar-se sobre o passado é investigar e refletir sobre o acontecido.

O convite à reflexão histórica partindo de um pensador, até então identificado com a filosofia, provocou muitos deslocamentos aos historiadores. *Vigiar e punir* não foi lido apenas por historiadores, mas as reações as proposições do livro vieram preponderantemente deles. Em 1976, a historiadora Michelle Perrot proferiu uma conferência sobre a história das prisões em 1848, na Assembléia Geral da *Société d'Histoire de la Révolution de 1848*, sociedade esta presidida por outro historiador, Maurice Agulhon. Dessa reunião surgiu a iniciativa de realizar uma série de estudos sobre o sistema penitenciário no início do século XIX, reunidos e publicados no *L'impossible prison: Recherches sur le système pénitenciaire au XIX^e siècle*, reunidos por Michelle Perrot e publicados em 1980.

Nessa publicação consta um artigo escrito por Jacques Léonard em 1976 por ocasião do lançamento de *Vigiar e punir*, o título é *L'historien et le philosophe – A propos de: Surveiller et punir: naissance de la prison*. (LÉONARD, 1980: 9-26) Esse artigo é o início de uma debate que na época ficou muito conhecido pois foi um dos primeiros, se não o primeiro, a questionar o historiar de Foucault. Além disso, Léonard também polemizou o posicionamento que os historiadores tinham diante dos escritos de Foucault que alternavam entre a admiração e a irritação. Entretanto, o artigo é ainda mais significativo porque Foucault se prontificou a responder, o que completa o diálogo entre os intelectuais e também evidencia o posicionamento dos seus interlocutores.

Os comentários de Léonard são elogiosos de maneira geral, vendo Foucault como um historiador que os historiadores têm interesse de escutar. No entanto, ele critica contundentemente algumas questões quanto ao historiar de Foucault. Segundo Léonard, Foucault “percorre três séculos a rédea solta, como um cavaleiro bárbaro”¹ (LÉONARD, 1980: 11), pois “exagera a racionalização e a normalização da sociedade francesa na primeira metade do século XIX.”² (LÉONARD, 1980: 11) Para Léonard é difícil entender se “descreve uma maquinaria ou se ele denuncia uma maquinação”³ (LÉONARD, 1980: 14), ele duvida das conclusões a que se pode chegar ao levar a cabo o projeto de Foucault “Disciplinados, verdadeiramente, o povo francês do século XIX? Como explicar então as revoltas, insurreições, revoluções, as doutrinas subversivas, o romantismo?”⁴ (LÉONARD, 1980: 16)

A forma argumentativa adotada por Léonard é significativa, pois ele formula um tipo de historiador imaginário em anteposição ao filósofo, se questionando sobre as formas de Foucault historiar. Segundo Léonard “O século XIX dos historiadores não é um mecanismo de submissão, nem um complô maquiavélico, mas uma junção de lutas políticas e sociais articuladas.” (LÉONARD, 1980: 16)⁵ Léonard coloca em oposição à normalização maciça a poeira dos fatos, no sentido em que a forma de Foucault fazer história não dá conta da poeira dos fatos, como dá a história dos historiadores, dos “pequenos fatos verdadeiros”; ao invés disso, trataria de grandes ideias vagas. Um dos exemplos para essa afirmação é o panóptico:

Poder-se-ia continuar assim por muito tempo, levantando a poeira dos fatos concretos, contra a tese da normatização massiva. O próprio símbolo do panóptico, monumento racional e instrumento de monitoramento, mereceria outras atenuações. O autor admite, de resto, que este plano não foi realizado com frequência. Muitas das prisões do século XIX são anteriores a 1791. Aquelas que foram reconstruídas após 1830, geralmente não correspondem à concepção de Bentham; elas não serviram de modelo a outras instituições. Se muitas casernas, colégios, hospitais e prisões da primeira parte do século XIX de fato se parecem, é porque eles ocupam frequentemente edifícios conventuais, secularizados pela Revolução, ou porque seus arquitetos copiaram o modelo monástico. (LÉONARD, 1980: 13)⁶

¹ <<M. Foucault parcourt trois siècles, à bride abattue, comme un cavalier barbare.>>

² <<M. Foucault exagère la rationalisation et la normalisation de la société française dans la première moitié du XIX^e siècle.>>

³ <<on ne sait pas très bien si M. Foucault décrit une machinerie ou s’il dénonce un machination.>>

⁴ <<Discipliné vraiment, le peuple français du XIX^e siècle? Comment expliquer alors les révoltes, insurrections, révolutions, les doctrines subversives, le romantisme quarante-huitard, et tout ce que Léon Daudet fustigera dans le “stupide XIX^e siècle”?>>

⁵ <<Le XIX^e siècle des historiens n’est pas un mécanisme d’écrasement, ni un complot machiavélien, mais un ensemble de luttes politiques et sociales articulées.>>

⁶ << On pourrait continuer ainsi longtemps, en soulevant la poussière des faits concrets, contre la thèse de la normalisation massive. Le symbole du Panopticon lui-même, monument rationnel et instrument de surveillance,

Foucault responde a Léonard num texto também publicado na coletânea de Michelle Perrot (*L'impossible prison: Recherches sur le système pénitentiaire au XIX^e siècle*) que tem o título de *La poussière et le nuage*, publicado em português como *A poeira e nuvem* no quarto volume da edição brasileira da coletânea Ditos & escritos. Ele chama a atenção para o estereótipo construído por Léonard: historiador X filósofo, cavaleiro virtuoso da exatidão X doutor do conhecimento inesgotável, “os pequenos fatos verdadeiros contra as grandes ideias vagas: a poeira desafiando a nuvem.” (FOUCAULT, 2003: 323-324) Apesar das proposições, Foucault reconhece três questões que servem de ponto de partida para um debate: “1) Da diferença de procedimento entre a análise de um problema e o estudo de um período. 2) Do uso do princípio de realidade em história. 3) da distinção a ser feita entre a tese e o objeto de uma análise.” (FOUCAULT, 2003: 324)

Sobre a primeira reflexão, a forma de lidar com o período estudado, cavaleiro bárbaro segundo Léonard, a resposta de Foucault é uma provocação: “Os especialistas de cada período, tal como crianças bochechudas que se acotovela em torno de um bolo de aniversário, foram equitativamente tratados?” (FOUCAULT, 2003: 325) Para ele esses questionamentos sobre a periodização são equivocados, pois seu intuito é estudar um problema:

1) Trata-se de estudar a aclimatação, no novo regime penal, de um mecanismo punitivo, imediatamente convocado a se tornar dominante. Isso quanto ao objeto.

2) Trata-se de explicar um fenômeno, cuja manifestação primeira e mais importante se situa nos últimos anos do século XVIII e nos primeiros do século XIX. Isso quanto ao tempo forte da análise.

3) Trata-se, enfim, de verificar se essa dominância de encarceramento e a aceitação de seu princípio se mantiveram bem, mesmo na época das primeiras grandes constatações de fracasso (1825-1835). Isso quanto aos limites últimos da análise. (FOUCAULT, 2003: 325)

Para o filósofo existe um descompasso entre a sua forma de historiar que propõe investigar um problema, e o que Léonard presumiu que ele tinha se proposto a fazer, o estudo de um período. Tendo como desdobramento a solicitação de uma forma de lidar com a história a qual Foucault não propôs.

mériterait d'autres atténuations. L'auteur admet du reste que ce plan n'a pas été souvent réalisé. Beaucoup de prisons du XIX^e siècle sont antérieures à 1791. Celles qui ont été reconstruites après 1830 ne répondent généralement pas à la conception de Bentham; elles n'ont pas servi de modèles à d'autres établissements. Si beaucoup de casernes, de collèges, d'hôpitaux et de prisons du premier XIX^e siècle se ressemblent effectivement, c'est parce qu'ils occupent souvent des Bâtiments conventuels, sécularisés par la Révolution, on parce que leurs architectes ont copié le modèle monastique.>>>

Para quem, de fato, gostaria de estudar um período, ou ao menos uma instituição durante um dado período, duas regras entre outras se imporiam: tratamento exaustivos de todo o material e equitativa repartição cronológica do exame. Quem, em contrapartida, quer tratar de um problema, surgido em um dado momento, deve seguir outras regras: escolha do material em função dos dados do problema; focalização da análise sobre os elementos suscetíveis de resolvê-lo; estabelecimento das relações que permitem essa solução. E portanto, indiferença para com a obrigação de tudo dizer, mesmo para satisfazer o júri dos especialistas convocados. [...] Só se podem denunciar as “ausências” em uma análise quando se compreendeu o princípio das presenças que nela figuram. (FOUCAULT, 2003: 326-327)

O segundo ponto, ou o princípio da realidade histórica, ou se os franceses são ou não obedientes, Foucault responde afirmando que: “a intenção refletida, o tipo de cálculo, a *ratio* de que se lançou mão na reforma do sistema penal, quando se decidiu introduzir nele, não sem modificação, a velha prática do internamento. Trata-se, em suma, de um capítulo na história da ‘razão punitiva’.” (FOUCAULT, 2003: 327) Suas pesquisas tem outras preocupações e respondem à outra ordem de exigências: o princípio do encarceramento penal obedecia a qual cálculo? O que se esperava dele? Sobre quais modelos se apoiava? A que forma de pensamento ela estava referida? (FOUCAULT, 2003: 328)

A que exigências deveria então responder uma análise histórica da razão punitiva no final do século XVIII?

1) Não construir o quadro de tudo o que se pode saber hoje sobre a delinquência nessa época; [...] Em suma, fixar pontos de ancoragem de uma estratégia.

2) Determinar por que tal estratégia e tais instrumentos táticos foram escolhidos, de preferência sobre tais outros. É preciso, portanto, inventariar os domínios que puderam informar sobre tais escolhas.

3) Determinar, enfim, quais efeitos de retorno se produziram: o que, dos inconvenientes, desordens, prejuízos, conseqüências, imprevistas e incontroladas, foi percebido, e em que medida esse “fracasso” pôde suscitar uma reconstrução da prisão. (FOUCAULT, 2003: 328-329)

O terceiro ponto, ou problema da estratégia, ou o objeto de uma análise e a tese, Foucault diz que o historiador imaginário de Léonard cometeu dois erros grosseiros: um referente à leitura do texto e outro ao sentido das palavras. Primeiro ele aponta os erros de leitura:

“O aparelho disciplinar produz poder”; “pouco importa quem o exerce”; o poder “tem seu princípio em uma certa distribuição combinada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares”: nenhuma dessas frases constitui minha concepção pessoal do poder. Todas, e da maneira mais explícita, descrevem projetos ou manejos, concebidos ou ajustados, com seus objetivos e o resultado que deles se esperava: em particular, trata-se do que Bentham esperava do panóptico, tal como ele próprio o apresentou (que se queria reportar ao texto citado: sem

nenhum equívoco possível, é a análise do programa benthaminiano). (FOUCAULT, 2003: 331)

Em seguida ele aponta como Léonard confundiu o sentido de suas palavras ao não compreender a diferença entre a tese do livro e o seu objeto. Ele aponta que a tese central do livro não é a automaticidade do poder, nem a mecânica vista nos dispositivos disciplinares, estes são o seu objeto, mais precisamente, a forma como tal poder seria possível e almejável no século XVIII.

Estudar a maneira como se quis racionalizar o poder, como se concebeu, no século XVIII, uma nova “economia” das relações de poder, mostrar o papel importante que nele ocupou o tema da máquina, do olhar, da vigilância, da transparência etc., não é dizer nem que o poder é uma máquina, nem que tal ideia nasceu maquinalmente. É estudar o desenvolvimento de um tema tecnológico que acho importante na história da grande reavaliação dos mecanismos de poder no século XVIII, na história geral das técnicas de poder e, mais globalmente ainda, das relações entre racionalidade e exercício do poder, importante também no nascimento de estruturas institucionais próprias às sociedades modernas, importante enfim para compreender a gênese ou o crescimento de certas formas de saber, com as ciências humanas, em particular. (FOUCAULT, 2003: 333)

Os questionamentos de Léonard e as respostas de Foucault são importantes porque dão a dimensão de como o livro foi recebido, mas principalmente por indicar como foi lido entre os historiadores, não por acaso a figura do genérico historiador imaginário é discutida pelos dois pensadores. Dessa leitura ressaltam-se críticas que parecem ir das expectativas frustradas que os historiadores têm ao ver uma forma de historiar que não é de “história”, mas produz um discurso historiográfico.

O próprio Foucault diz: “não sou historiador no sentido estrito do termo; mas os historiadores e eu temos em comum um interesse pelo acontecimento.” (FOUCAULT, 2003: 257) Ele lida com seu objeto de maneira diferente. Para além da acidez das respostas dadas às suas críticas, é possível perceber como se está diante de um processo de praticar história de maneira diferente. E a diferença é estabelecida pelo seu crítico, pouco importando “poeira” ou a “nuvem”, apenas fazendo com que surja uma outra possibilidade de lidar com um objeto histórico.

Não se trata com isso de ver uma revolução na forma de fazer a história, embora haja quem defenda isso,⁷ mas de mostrar como a construção foucaultiana é complexa e requer uma

⁷ Paul Veyne dedica um trabalho muito interessante sobre isso, mas que não será aqui abordado. VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a história. In: **Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história**. 1995. p. 149-181.

análise mais cuidadosa, que investigue as relações disciplinares dentro das condições da sociabilidade de poder que ela inicia e legítima. As objeções de Léonard propõem, entre outras coisas, uma forma de lidar com o historiador com a qual Foucault não concorda ou se predispôs a praticar. Entender esse debate apenas como uma disputa teórica entre um filósofo tentando escrever história e um historiador pouco atento às premissas deste, pode inibir um debate mais relevante sobre outras possibilidades de pensar e escrever história.

As questões levantadas por Léonard, foram importantes por colocar problemas a um *modus operandi* de escrita histórica, que mesmo sendo lida e recebida por historiadores, causou desconforto em alguns deles. Caberia, para além de pensar quem estava com a argumentação mais plausível, pensar as novas possibilidades que essa abordagem pode contribuir na mediação entre os historiadores e o passado. A reação de Léonard e as respostas de Foucault ainda rendeu outro debate: o historiador de *Vigiar e Punir*.

Em 20 de maio de 1978, Foucault é novamente convidado a participar de discussões sobre *Vigiar e punir* e sua forma de fazer história, e debater também sobre sua discussão com Jacques Léonard numa mesa-redonda com a participação de vários historiadores. (FOUCAULT, 2003: 335-351) Estavam presentes nessa mesa-redonda: Maurice Agulhon, Nicole Castan, Catherine Duprat, François Ewald, Arlette Farge, Alexandre Fontana, Carlo Ginzburg, Remi Goussez, Jacques Léonard, Pascal Pasquino, Michelle Perrot, Jacques Revel.

As perguntas dirigidas a Foucault foram divididas em quatro grandes blocos: 1) Por que a prisão?; 2) “Acontecimentalizar”; 3) O problema das racionalidades; 4) O efeito anestésico. Essa divisão obedece, sobretudo, aos rumos que o debate com Léonard tomou.⁸ Logo no início de sua resposta, Foucault faz questão de minimizar divergências entre campos e diminuir as polêmicas entre historiadores e filósofos, dizendo que não quer que tomem o que ele diz como universal, afirmando que propõe “ofertas de jogo” para qualquer um que possa se interessar, não sendo suas afirmações dogmáticas. “Meus livros não são tratados de filosofia nem estudos históricos; no máximo fragmentos filosóficos em canteiros históricos” (FOUCAULT, 2003: 336)

Foucault começa respondendo ao primeiro bloco de perguntas – Por que a prisão? – dizendo que “Em primeiro lugar, porque ela foi bastante negligenciada até então nas

⁸ Refere-se aqui aos dois textos já citados anteriormente - *L'historien et le philosophe* – de Léonard e - *A poeira e a nuvem* – de Foucault.

análises.” (FOUCAULT, 2003: 336) Uma segunda motivação foi “retomar o tema da genealogia da moral, mas segundo o fio das transformações do que se poderia chamar de ‘tecnologias morais’.” (FOUCAULT, 2003: 337) Uma terceira motivação foi um fato contemporâneo a ele: as prisões e alguns aspectos da prática penal estavam sendo postas em questão em países como França, Estados Unidos, Inglaterra e Itália. (FOUCAULT, 2003: 337) Ele afirma como uma quarta motivação o fato de estar interessado nas práticas:

Neste trabalho sobre as prisões, assim como em outros, o alvo, o ponto de ataque da análise, eram não as “instituições”, não as “teorias” ou uma “ideologia”, mas as “práticas” – e isto para captar as condições que, em um dado momento, as tornam aceitáveis: a hipótese sendo a de que os tipos de práticas não são apenas comandados pela instituição, prescritos pela ideologia ou guiados pelas circunstâncias – seja qual for o papel de uns e de outros –, mas que eles têm, até certo ponto, sua própria regularidade, sua lógica, sua estratégia, sua evidência, sua “razão”.

[...] Quis, portanto, fazer a história não da instituição prisão, mas da “prática de aprisionamento”. Mostrar sua origem ou, mais exatamente, mostrar como essa maneira de fazer, muito antiga, é claro, pôde ser aceita em um momento como peça principal no sistema penal. A ponto de aparecer como uma peça inteiramente natural, evidente, indispensável. (FOUCAULT, 2003: 338)

Na resposta de Foucault existe um tipo de demarcação de território que quer se distanciar de determinadas práticas de historiar, talvez mais próximas ao marxismo, porém o mais significativo é seu posicionamento em favor de uma genealogia: “Não se trata, portanto, de reencontrar uma continuidade escondida, mas de saber qual é a transformação que tornou possível essa passagem tão apressada.” (FOUCAULT, 2003: 338)

A segunda parte das perguntas, a sobre “Acontecimentalizar”, se volta para a prática de Foucault, para forma como ele lidou com suas análises, em como isso incomodou aos historiadores, em como suas análises estariam oscilando entre um hiper-racionalismo e uma sub-racionalidade. Inicialmente ele expõe qual a sua ideia de “acontecimentalização”, que

consiste em reencontrar as conexões, os encontros, os apoios, os bloqueios, os jogos de força, as estratégias etc., que, em um dado momento, formaram o que, em seguida, funcionará como evidência, universalidade, necessidade. Ao tomar as coisas dessa maneira, procedemos, na verdade, a uma espécie de desmultiplicação causal. (FOUCAULT, 2003: 339)

Esse efeito de “desmultiplicação” tem, ao menos, três contribuições significativas para se compreender a forma de historiar foucaultiana. As acepções são: “analisar o acontecimento segundo os processos múltiplos que o constituem.” (FOUCAULT, 2003: 339); “[...] construir,

em torno do acontecimento singular analisado como processo, um ‘polígono’, ou melhor, ‘poliedro de inteligibilidade’, cujo número de faces não é previamente definido e nunca pode ser considerado como legitimamente concluído.”; (FOUCAULT, 2003: 340) “implica, portanto, um polimorfismo crescente, à medida que a análise avança” (FOUCAULT, 2003: 340) Essa forma quebra uma relação com um eixo central condutor de historicidade; o que se tem nesse processo são muitas relações diversas, muitas linhas de análise. (FOUCAULT, 2003: 341)

Na terceira parte, *problemas da racionalidade*, as questões giram em torno de como Foucault resolve as mudanças das práticas, das tecnologias, dos regimes de produção do verdadeiro e do falso. (FOUCAULT, 2003: 343) Nessa parte da discussão a resposta é propositiva de um forma de pensar a história :

Por um lado, sua elaboração responde a toda uma série de práticas ou de estratégias diversas: assim, a pesquisa de mecanismos eficazes, contínuos, bem avaliados que é, com toda certeza, uma resposta à inadequação entre as instituições do Poder Judiciário e as novas formas da economia, da urbanização etc.; ou ainda a tentativa, muito sensível em um país como a França, de reduzir o que havia de autonomia e de insalubridade na prática judiciária e no pessoal de justiça, em relação ao conjunto do funcionamento do Estado; ou ainda a vontade de responder ao aparecimento de novas formas de delinquência etc. (FOUCAULT, 2003: 345)

Ele abandona formas acabadas de entendimento do passado como verdadeiro e falso, e passa a problematizá-las como historicamente localizadas. Interessa entender como se constituíram os regimes de verdade de uma dada época.

Essas programações de conduta, esses regimes de jurisdição/veredicto não são projetos de realidade que fracassam. São fragmentos de realidade que induzem esses efeitos de real tão específicos, que são aqueles da divisão do verdadeiro e do falso na maneira como os homens se “dirigem”, e se “governam”, se “conduzem” eles próprios e os outros. (FOUCAULT, 2003: 346)

Na última parte da mesa-redonda, *O efeito anestésico*, Foucault é questionado se sua forma de lidar com as rupturas das evidências e como acontecem, não teriam, por exemplo, um efeito anestésico sobre educadores penitenciários. Ele reconhece que talvez o que tenha dito no livro tenha sim o efeito anestésico, entretanto precisa ser localizado para quem.

Se julgo pelo que disseram as autoridades psiquiátricas francesas, se julgo pela corte de direita que me acusava de me opor a qualquer poder, e a esquerda que me designava como “ultima muralha da burguesia”, se julgo pelo bravo psicanalista que me aproximava de Hitler de Mein Kampf, se julgo pelo número de vezes em que, há 15 anos, fui “autopsiado”, “enterrado” etc., pois bem tenho a impressão de ter

tido sobre muita gente um efeito mais irritador que anestésico. (FOUCAULT, 2003: 348)

Em seguida comenta uma pergunta sobre se os historiadores não estariam também anestesiados; de pronto a resposta é uma suposição, se os historiadores não estariam, isto sim, irritados. E, nesse momento, ele especula: “Talvez porque meu problema não é construir algo novo ou validar o já feito. Talvez porque meu problema não é propor um princípio de análise global da sociedade. E é nisto que meu projeto era, de partida, diferente daqueles dos historiadores.” (FOUCAULT, 2003: 350) Provocações a parte, Foucault põe uma questão para os historiadores muito interessante, “fazer a história da ‘objetivação’ desses elementos considerados pelos historiadores como dados objetivamente (a objetivação da objetividade, se ousar dizer), é este tipo de círculo que gostaria de percorrer.” (FOUCAULT, 2003: 351)

As questões postas são interessantes para fazer pensar, já que Foucault em *Vigiar e punir* se propôs estudar de que maneira foi possível se constituir uma racionalização do exercício de poder no século XVIII, que fez emergir uma nova “economia” das relações de poder, investigou um problema histórico e não um objeto histórico. Essa constatação, aparentemente explícita, pode alargar o horizonte de possibilidades do fazer historiográfico, investigar um problema histórico é deslocar a pergunta epistemológica do historiador. A questão deixar de ser *o objeto histórico* e passar ser *como foi possível este objeto histórico constituir-se como tal*.

O historiar de Foucault reúne duas atividades numa mesma prática: fazer filosofia através de textos históricos e produzir historiografia ao se debruçar sobre a filosofia. (MUCHAIL, 2004: 24) Desmonta-se uma história que se estreitava a um relato empírico dos fatos sem buscar compreender-lhes a significação através da filosofia. Esta história que não busca compreender sua significação através da filosofia “não saberia, literalmente do que fala.” (MUCHAIL, 2004: 23) Assim como, “só haverá filosofia se os sentidos ou as verdades que ela busca forem procurados no seio do devir, na trama histórica dos acontecimentos.” (MUCHAIL, 2004: 23) A reflexão sobre o passado não é uma escolha, mas um dos elementos que torna possível compô-lo, o ofício do historiador passar a ter como condição *sine qua non* refletir. Não por acaso que o livro de Foucault com maior receptividade e reação entre os historiadores é *Vigiar e punir*, que foi longamente debatido, suscitou polêmicas, mas ofereceu possibilidades diferentes de se praticar o ofício do historiador.

As questões levantadas por Foucault não são novidade no debate historiográfico e se historicizadas podem ser entendidas dentro de discussões que respondem aos problemas de sua época e tem como interlocução seus contemporâneos. Entretanto suas propostas para o fazer histórico podem ser aprofundadas pelos historiadores que ainda têm posturas de rejeição ou encantamento. A forma de fazer história reflexiva com componentes de filosofia, mostra que nem na poeira nem na nuvem estão as questões do historiador, mas na reflexão sobre o próprio historiar.

Referências Bibliográficas

- BILLOUET, Pierre. **Foucault**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- ERIBON, Didier. **Michel Foucault 1926-1984**. Lisboa: Livros do Brasil, 1990.
- FOUCAULT, Michel. A poeira e a nuvem. In: **Ditos & escritos IV: estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 323-334.
- _____. **A verdade e as formas jurídicas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.
- _____. Diálogos sobre o poder. In: **Ditos & escritos IV: estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 253-266.
- _____. La poussière et le nuage. In: PERROT, Michelle. **L'impossible prison: Recherches sur le système pénitentiaire au XIX^e siècle**. 1980. p. 29-39.
- _____. Mesa-redonda em 20 de maio de 1978. In: **Ditos & escritos IV: estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 335-351.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. **Surveiller et punir, Naissance de la prison**. Paris: Gallimard, 1975.
- LÉONARD, Jacques. L'historien et le philosophe. A propos de: Surveiller et punir; naissance de la prison. In: PERROT, Michelle. **L'impossible prison. Recherches sur le système pénitentiaire au XIX^e siècle**. Paris: Seuil, 1980.
- MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, simplesmente – textos reunidos**. São Paulo: Ed Loyola, 2004.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a História. In: **Como se escreve a História. Foucault revoluciona a História**. Brasília: Editora da UNB, 1995. p. 149-181.